

“São os do norte que vem”: Romero, Veríssimo, Araripe e os embates literários no entresséculo

Wagner Gonzaga Lemos

Resumo

O presente trabalho de caráter bibliográfico e documental em desenvolvimento analisa os embates da tríade da história literária brasileira: o crítico sergipano Silvio Romero (1851-1914), autor de *História da Literatura Brasileira* (1888), o paraense José Veríssimo (1857-1916), autor da homônima *História da Literatura Brasileira* (1916) e o cearense Araripe Junior (1848-1911), o qual publicou seus textos de forma diluída em diversos livros. Esses autores tiveram atuação no cenário fluminense nos fins do século XIX e início do XX e labutaram na busca pelos espaços na capital brasileira, no declínio do Império e ascensão da República. Vindos das então chamadas províncias do Norte, esses intelectuais empreenderam tentativa de firmarem seus nomes nas letras nacionais por meio de publicações, tais como compêndios, histórias literárias e antologias, obras que lhes garantiam não um lucro de caráter financeiro, mas sim, de ordem moral que lhes dava respaldo na sociedade da época. Nesse sentido, alçavam não apenas a condição de legitimadores de cânones, mas também de ocupantes de posições de projeção como a Academia Brasileira de Letras (ABL), o Colégio de Pedro II (o Ginásio Nacional dos tempos republicanos), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), além de outros cargos de teor eminentemente político nas esferas legislativa, executiva e/ou judiciária. Outrossim, ressaltamos o fato de esses autores não terem cultivado com destaque a ficção, mas, sim, terem constituído através de histórias literárias as suas próprias narrativas de nação com seus critérios particulares de conceito de literatura e brasilidade.

Palavras-chave

história literária; Brasil; entresséculo XIX e XX

¹ Wagner Gonzaga Lemos é mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe, doutorando em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo sob orientação do Prof. Dr. Ricardo de Souza Carvalho, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. E-mail: wagnerlemos@usp.br.

Na primeira metade do século XIX, simultaneamente à Independência política brasileira, tornou-se de suma importância para os intelectuais do país o debate acerca da constituição de uma literatura considerada nacional. Nessa vertente, histórias literárias e antologias surgiram em nosso ainda titubeante mercado editorial. Do francês Ferdinand Denis (1798-1890), com seu *Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826), ainda que como apêndice à literatura portuguesa, passando pelos autores nacionais como o cônego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), autor de *Parnaso Brasileiro* (1829); Gonçalves de Magalhães (1811-1882), autor do *Ensaio sobre a História da Literatura no Brasil*² (1836), chegando a Joaquim Norberto de Souza e Silva (1810-1891), autor de *Bosquejo de história da Poesia brasileira* (1840), não tivemos uma expressão mais corpulenta, senão a das publicações do Cônego Fernandes Pinheiro (1825-1876), professor de Retórica e Poética do Imperial Colégio de Pedro II.

Tal relevância de Pinheiro só seria sobrepujada na segunda metade do século XIX, quando trilhando essa sequência, o sergipano Silvio Romero (1851-1914), o cearense Araripe Júnior (1848-1911) e o paraense José Veríssimo (1857-1916), por meio de histórias literárias e ensaios críticos firmaram seus conceitos de Literatura e lançaram juízos de valor sobre autores, obras e periodizações. Com eles, a chamada geração de 1870 ganhou vulto e o gênero que produziam se consolidou como relevante no Brasil.

Silvio Romero, a partir de sua *História da Literatura Brasileira*, em 1888, foi o inaugurador desse novo momento. A ele se seguiram Araripe e Veríssimo, o primeiro com análises dispersas em publicações, trazendo perfis como os de José de Alencar (1882), Dirceu (1890) e Gregório de Matos (1894), ensaiando, talvez a construção de uma coletânea que pudesse ser reunida em única edição (CAIRO, 2013). Veríssimo, mais profícuo nesse sentido, fez-se publicar em séries de *Estudos de Literatura*, organizando artigos e monografias em volumes sequenciais. Chegou a montar sua *História da Literatura Brasileira*, concluída em julho de 1915, mas que não viu publicada, tendo a obra sido

² Somente na segunda edição em 1854 é que o texto passou a ser intitulado de *Discurso sobre a História da Literatura no Brasil*, nome pelo qual ficou mais conhecido.

lançada poucos meses depois de sua morte, em 1916.

Os estudos sobre historiografia literária têm registrado sobre esse período um jogo de forças em que tanto Araripe quanto Veríssimo não ficaram incólumes diante da presença de Romero, nem lhe pouparam senões. No caso do cearense, as divergências corriam em torno da questão da influência do meio e da raça como elemento de formação da brasilidade literária. Todavia, manteve-se um ar de civilidade no debate. Ainda que seu ensaio “Silvio Romero, polemista” (1900), publicado na *Revista Brasileira*, tenha tido momentos em que a tensão marcou o texto.

Já com Veríssimo, houve combates mais aguerridos, em que as disputas renderam uma saravada de publicações cujo teor ultrapassava facilmente a cordialidade, tanto de um de lado quanto do outro. Daí, logo aparecerem expressões de Romero: “tucano empalhado”, “zeverissimações”, “asno”; e outras do paraense: “jornalista da roça”, “sujeito sem gosto”, “provinciano no mau sentido”, “masturbação intelectual”, “macaquice anti-acadêmica”, dentre outras. Verrinas tão desabridas que foram apropriadamente comparadas aos desafios da literatura de cordel e/ou repente nordestinos (VENTURA, 1991).

Esta pesquisa que ora se desenvolve possui um caráter bibliográfico e documental e tem como escopo os embates da tríade da história literária brasileira: o crítico Silvio Romero (Lagarto, 1851 – Rio de Janeiro, 1914), autor de *História da Literatura Brasileira* (1888), José Veríssimo (Óbidos, 1857 - Rio de Janeiro, 1916), autor da homônima, porém postumamente publicada, *História da Literatura Brasileira* (1916) e Araripe Junior (Fortaleza, 1848 - Rio de Janeiro, 1911), o qual em diversos livros diluiu seus textos.

Oriundos das, então denominadas, províncias do Norte, esses autores têm em comum também o fato de terem angariado uma posição de renome nas Letras nacionais no que concerne à crítica literária na capital do Império, posteriormente República, o Rio de Janeiro. Nesse espaço, foram atores de divergências no tocante a questões literárias, tendo como um dos pontos principais o conceito de Literatura e qual a abrangência que essa deveria ter segundo a ótica de cada um desses historiadores, mas também, tendo em vista as posições que esses almejavam ocupar na intelectualidade brasileira.

Na efervescência do cenário fluminense dos fins do século XIX e início do XX, é ponto pacífico afirmar que Silvio Romero foi o mais polêmico dos nossos críticos, conhecido pela verrina que empreendeu com José Veríssimo, a qual teve como ponto alto a obra *Zeveirissimações ineptas da crítica* (1909) ou também daquelas em que foi alvo.

Devemos lembrar que, muitas vezes, tais polêmicas eram permeadas de ataques severos, em especial por parte de Romero, os quais alcançavam a esfera pessoal deixavam transparecer que essas desarmonias ultrapassavam o caráter intelectual, mas se tornavam inflamadas por aspectos, muitas vezes, políticos. Estes últimos em face de espaços que ocuparam em cargos públicos, quer na política partidária (como Silvio Romero, na condição de deputado federal e pretense senador por Sergipe), na estrutura interna das instituições (como a direção de Veríssimo no Ginásio Nacional) ou ainda na chefia de pastas executivas (como Araripe Junior, que ocupou funções como a de oficial de secretaria do Ministério dos Negócios do Império; posteriormente Justiça e Negócios Interiores; Diretor geral da Instrução Pública e, por fim, o cargo de Consultor Geral da República).

Outrossim, na visibilidade social que buscavam no caráter de capital simbólico das instituições como Academia Brasileira de Letras e Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, entidades das quais os três faziam parte, que lhes granjeavam capital social.

Nesse cenário, devemos recordar que o século XIX que nos legou os cursos superiores no Brasil, entretanto, não nos deu formação em diversas áreas do conhecimento. As nossas escolas de ensino superior estavam enfeixadas na Medicina, no Direito e nas engenharias. Dessa maneira, o caráter de improvisado se fez presente em distintos campos do saber. Nessa ausência de formações específicas, ganharam notoriedade alguns intelectuais (ou também chamados homens de Letras), que se arvoraram como polímatas a debater, opinar, escrever e emitir juízo de valor sobre um enorme cabedal de temas. Exemplo disso são Romero, Veríssimo e Araripe, que numa situação de homens do Norte radicados na capital, traziam ainda nuances da relação centro e periferia, mas demarcavam um poder simbólico que lhes era atribuído pelos diversos em derredor e que era publicizado, sobretudo, nos jornais.

Outro ponto considerado neste trabalho é a importância desses autores na legitimação de cânones efetuada por meio de seus compêndios, histórias literárias e antologias, publicações que lhes garantiam um lucro não financeiro, mas sim, de ordem moral que, por sua vez, dava-lhes respaldo na sociedade da época. E que, desse modo, punham em relevo suas perspectivas de narrativas de nação, sob as visões científicas da época, aliando o historiar como Ciência, mas ao fazê-lo acerca da Literatura, encontravam o entrelugar para essa posição de homem de Ciência e de Letras.

Esta pesquisa se vale, além dos textos das obras, de cartas trocadas entre pessoas dos círculos de convivência pessoal e/ou profissional dos autores em destaque, atas das instituições de que faziam parte, anotações pessoais nas margens de textos, bem como jornais do período. O recorte cronológico abarca 1888, ano da publicação da romeriana *História da Literatura Brasileira* e segue até 1916, ano da morte de José Veríssimo, o último dos três a falecer.

Em síntese, a proposta deste trabalho de pesquisa é investigar como se deu a afirmação do gênero história da literatura por meio das obras de Romero, Veríssimo e Araripe, buscando compreender os motivos de ter sido este o viés preferido em detrimento da ficção ou outros tipos de produção textual. Para isso, tendo em consideração não apenas as obras em si e as mútuas referências entre os críticos, mas também outros fatores de confluência, tais como instituições a que pertenciam e os cargos nela ocupados, a notoriedade dos selos editoriais pelos quais se fizeram publicar, obras transformadas em material didático, além de anotações pessoais.

A hipótese que, ora se delineia, é que o gênero da História da Literatura tornou-se um eficaz meio de afirmação intelectual pelo fato de ser um entrelugar da arte e da ciência, uma vez que amalhava belas letras e o cientificismo pertinente à narrativa histórica. Essa estratégia aliaria esses dois territórios aprofundando um capital de cultura letrada a quem os articulasse.

As belas letras, como também era denominada a Literatura, asseguravam, em especial, ao intelectual da primeira metade do XIX um espaço diferenciado, uma

distinção (ABREU, 2003) e que, mesmo com a ascensão de ideias científicas da segunda metade do século, não perdeu valor.

Por outro lado, o cientificismo fortalecido por volta dos anos 70 do século XIX brasileiro agregou um novo predicativo à ideia de diferença, de distinção social. Ser científico era ser superior. Atividades científicas, a partir de então, estavam ligadas a uma ideia civilizatória, que ganhou maiores impulsos nos fins do XIX e início do século XX: “fazer ciência parece ter tido outra função nesses anos, mostrar ao mundo que existia nos trópicos um império civilizado” (DANTES, 2005).

Dessa maneira, aqueles que labutavam no campo científico abarcavam em torno de si um capital simbólico (BOURDIEU, 2003) diferenciado, tendo em vista que, neste momento, ser um homem de ciência granjeava poderes e prestígios para além do econômico (NASCIMENTO, 1999).

Além disso, eram estratégias dessa disputa entre esses intelectuais em nossa iniciante sociedade cultural as posições como o magistério³ no Colégio de Pedro II, no Colégio Militar ou nas faculdades, a membresia no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, na Academia Nacional de Medicina, na Academia Brasileira de Letras ou ainda a condição de sócio-correspondente em outras instituições culturais do exterior⁴. Esses eram sinais de legitimação e funcionavam como se fossem brasões de família, tais como os títulos de nobreza.

Igualmente, temos encontrado na instituição escolar uma ferramenta decisiva de legitimação para fazer-se incorporado ao ideário da nação. Obter a tarimba de livro didático, primordialmente no Colégio de Pedro II, o Ginásio Nacional dos tempos republicanos, era algo perseguido por diversos intelectuais do período, mas o benefício em geral era concedido aos professores da casa.

Neste caso, a chancela de ocupar o espaço na matéria de Literatura seria

3 Silvio Romero trocou a carreira de juiz em Parati (RJ) pela docência no Imperial Colégio de Pedro II (SILVA, 1955).

4 Muitos brasileiros se associaram a academias e institutos no exterior, dentre eles José Veríssimo e Silvio Romero que ingressaram como sócios correspondentes na Academia de Ciências de Lisboa, respectivamente em 17 de novembro de 1910 e 09 de novembro de 1911, conforme informação que nos foi dada pela Biblioteca daquela instituição.

diferencial, haja vista que significava enveredar numa seara bastante nova. Uma cadeira em que se estudasse unicamente a literatura produzida no Brasil era algo incipiente e que ainda passaria por uma série de transformações, tal como a sua desvinculação da cadeira de Retórica e Poética, até que chegasse ao *status* de que hoje desfruta (SOUZA, 1999), mas que abriria oportunidade ímpar de se fazer referência no tema.

Nesse quesito, podemos considerar Silvio Romero um “vencedor”, uma vez que, embora professor da cadeira de Filosofia no colégio dirigido por José Veríssimo, o historiador sergipano teve seus livros adotados na disciplina de Literatura Nacional. Romero era professor efetivo desde 1871 e emplacou *História da Literatura Brasileira* (1888) e *Compêndio de História da Literatura Brasileira* (1906; 1909), em coautoria com João Ribeiro, como livros didáticos da cadeira de Literatura Nacional.

Além disso, fazer história da literatura era tomar o encargo de efetuar a própria narrativa de nação servindo-se disso para o discurso de legitimidade associado ao papel de instituições (GEARY, 2005) e construção do Brasil pela via da literatura (SENNA, 2006), instrumento eficiente para o estabelecimento de seus nomes, em um indicativo de que a história literária está atrelada de forma indissociável ao ensino da literatura.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. Letras, belas-letas, boas-letas. In: Carmen Zink Bolognini. (Org.). *História da Literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado das Letras/FAPESP, 2003.

ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. *Carta sobre Literatura Brazilica*. Rio de Janeiro: Tipografia de J. A. dos Santos Cardoso, 1869.

_____. *José de Alencar*. Rio de Janeiro: Tip. da Escola Serafim José Alves, 1882.

_____. *Dirceu*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1890.

_____. *Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1894.

_____. Silvio Romero, polemista. *Revista Brasileira*. Tomo XX, quinto ano. Rio de Janeiro: Sociedade Revista Brasileira, 1900.

_____. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa/MEC, 1960.

_____. *Luizinha & perfil literário de José de Alencar*. Fortaleza; Rio de Janeiro: Academia Cearense de Letras; José Olímpio, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CAIRO, Luiz Roberto Velloso. O crítico Araripe Júnior e sua eventual História da Literatura Brasileira. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/14662/9803>. Publicado na *Revista Navegações*. Vol. 6, nº 1, Porto Alegre, 2013, p. 31-36. Acesso em: 2 dez. 2015.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As ciências na história brasileira. *Ciência e Cultura*. Vol. 57, nº 1, jan./mar., São Paulo, 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252005000100014&script=sci_art_text. Acesso em: 2 dez. 2015.

DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal*. Suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil. Paris: Lecointe et Durey Libraires, 1826.

GEARY, Patrick J. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. Tradução Fábio Pinto.

São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

MAGALHÃES, Gonçalves de. Ensaio sobre a História da Literatura Brasileira. *Nitheroy: revista brasiliense, ciencias, letras e artes*. Tomo 1, nº 1. Paris: Dauvin et Fontaine Libraires, 1836.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *A cultura ocultada*. Londrina: Editora da UEL, 1999.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Garnier, 1888.

ROMERO, Silvio; RIBEIRO, João. *Compêndio de História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

_____. *Compêndio de História da Literatura Brasileira*. 2ª edição refundida. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.

SENNA, Janaína Guimarães de. *Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: http://ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/926829-ARQ/926829_6.PDF. Acesso em: 10 jun. 2016.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza e. *Bosquejo da história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Despertador, 1840.

SILVA, José Alberto da. *Silvio Romero, juiz*. Rio de Janeiro: Editor Borsoi, 1955.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora da Uerj; Editora da UFF, 1999.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.